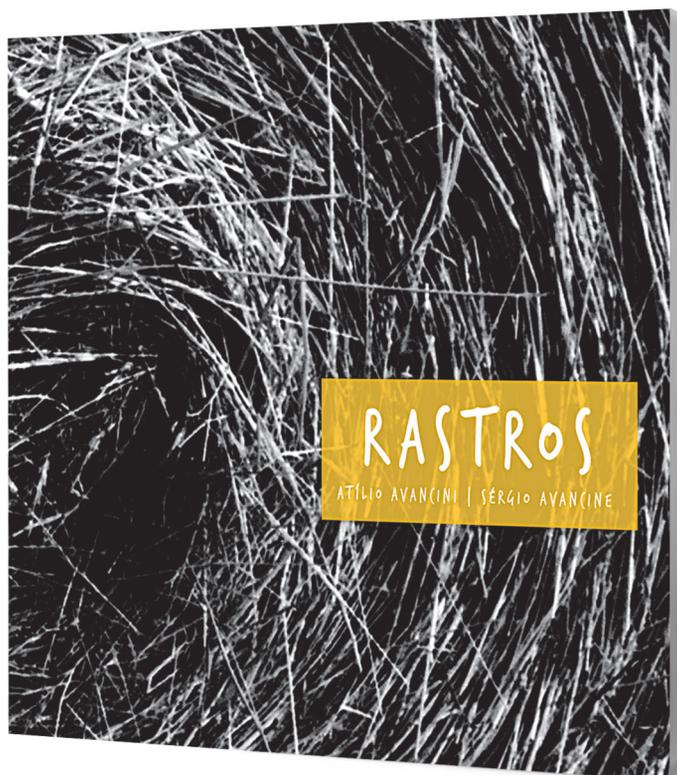


**livros**





La vie en close:  
c'est une autre chose

---

*Gutemberg Medeiros*

---

*Rastros, de Atílio Avancini e Sérgio Avancine,  
São Paulo, Com-Arte, 2019, 136 pp.*

**T**omo de empréstimo o título de uma obra do poeta e ensaísta Paulo Leminski por motivos que vão se esclarecer ao longo desta

resenha à reunião de fotos e poemas de Atílio Avancini (professor da ECA/USP) e Sérgio Avancine. Contemplando imagens e poemas vem algo à mente todo o tempo: haikai. Como jornalista e pesquisador, muitas vezes, sou assolado pela máxima de Guimarães Rosa – “Eu quase que nada não sei. Mas *desconfio de muita coisa...*”. Como não posso viver de desconfiança, peço ajuda a quem sabe. No caso, um dos maiores conhecedores dessa arte poética japonesa no Brasil e seu principal artífice entre nós: o poeta Paulo Leminski. Especialmente em seu estudo de vida e obra *Bashô: a lágrima do peixe*, sobre um dos principais poetas dessa tradição nipônica.

Haikai tem determinante formal: poema de 17 sílabas disposto em três versos, o

primeiro eo terceiro com cinco sílabas e o do meio com sete em redondilhas. O que, evidentemente, os poemas de Sérgio não apresentam. Porém, Leminski posiciona como as “minúsculas pegadas” do haikai são sentidas na poesia ocidental. Ezra Pound, Federico García Lorca, Antonio Machado, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Maiakóvski, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Luis Borges, Octavio Paz, até Millôr Fernandes.

Os principais predicados – ou rastros – do haikai arrolados por Leminski são igualmente sentidos nas imagens e poemas deste livro. Informo que me norteio pela noção enunciada, entre outros, pelo pensador russo Iuri Lotman da amplitude de texto – seja verbal ou não verbal. O haikai de Bashô – e o melhor do gênero – se formou a partir do mais importante produzido

---

**GUTEMBERG MEDEIROS** é jornalista, colaborador de *O Estado de S. Paulo* e pós-doutorando na ECA-USP.

pelo Extremo Oriente: transcendentalismo indiano, realismo e simplicidade japonesa. Leminski lembra a síntese do pensador francês Émile Bréhier, de ser este poema “um ato, falado com propriedade, que não se ensina, e se chega a ele através do obrar (*áskesis* = ascese) mediante o exercício da exemplaridade”. As imagens aqui presentes são derivadas de muito trabalhar fotos e poemas – tanto em leituras de antecessores quanto muito rascunho e lata do lixo, descartando o que não interessa até chegar à síntese do que se espera.

Assim como o haikai, esses textos verbais e não verbais (poemas e imagens) primam pela síntese, por buscar o detalhe, o traço diminuto, o close ou o plano fechado. No detalhe irrelevante e desprezado do cotidiano mora a epifania, as pequenas/grandes iluminações plausíveis do humano, demasiadamente humano. Por outro lado, não podemos deixar de lembrar como o Ocidente teve duas grandes formas primárias de registro de sentidos e pensares. Primeiro, o hieroglifo egípcio, ou “imagem sagrada”, secundado pelo *grammatas*, a “escrita sagrada” grega a partir da abstração absoluta do abecedário.

Pois aqui o leitor tem o diálogo intenso de uma foto em relação a cada poema, como se irmanasse essa dualidade ocidental perdida. Mas jamais esquecida no extremo Oriente. Pois o haikai não é apenas mero conjunto de 17 sílabas soltas no papel, mas imerso em compor poemapintura nas tradicionais gravuras japonesas, cuja admiração explode a partir do final do século XIX com os impressionistas franceses e contagia tudo o que se seguiu em arte moderna – seja em textos verbais e/ou não verbais. Apesar de não

sobrepostos, os poemas em paralelo às imagens retomam, em certo sentido, essa ambiência do haikai.

Volto à ascese. Um dos pilares do haikai está na filosofia, e não religião, zen – uma fé de artistas, como destaca Leminski. “Uma fé que valoriza, absolutamente, a experiência imediata. A intuição. O aqui e agora. A superfície das coisas. O instantâneo. O pré ou post-racional.” Pois reassumo aqui o detalhe e a plasticidade também presentes nessa coletânea. Pois é, agora podemos retomar o título deste texto. A vida de perto sempre é outra coisa. Nelson Rodrigues bem sabia disso. Atílio e Sérgio também.

## ENCONTRO DE GAVETAS

Um pouco do entorno dos trabalhos que compõem esse livro ajuda ao leitor compreendê-los melhor. Foi o encontro feliz de duas gavetas de amigos de longa data, além de Atílio e Sérgio serem também primos. *Rastros* foi o primeiro ensaio fotográfico de Atílio, iniciado nos anos de 1980. Ele conta que o argumento temático surgiu a partir da foto n. 15, a do dançarino alemão e professor da UFBA Rolf Gelewski, na Praia dos Artistas, em Salvador.

“Ensaio produzido de cabo a rabo, ou seja, fotografiação, revelação do filme p&b, ampliação manual.” Todas as 36 fotos foram clicadas com filme de 36 poses 35 mm Kodak Tri-X, 400 ASA. O trabalho foi selecionado para exposição na parede de fotografia do Centro Cultural São Paulo, em 1986, sendo recebido em críticas de João Farkas (*IstoÉ*) e Stefania Bril (*O Estado de S. Paulo*). Agora ganha formato em livro com os poemas de Sérgio.



## FARO

ver nas entrelinhas  
ler nas entrevistas

## METRÔ

pra volta dos longos exílios  
é o que me põe nos trilhos



O poeta afirma que pouco conhece haikai, mas gosta e muito de autores brasileiros que praticam algo nesse gênero – a exemplo de Augusto e Haroldo de Campos, Wally Salomão e, “sobretudo”, Paulo Leminski. Ele mesmo afirma buscar a forma de expressão diminuta. “Tento sempre limpar o texto de desnecessárias bugigangas, deixá-lo enxuto, saudável e, na medida do possível, em forma visual que se adeque ou agregue algo à mensagem.”

“Como recurso nada mais uso que as mais simples das ferramentas do Word básico. Abro meu último livro com o poema intitulado ‘operador’, que perpetra: ‘o poeta é o cirurgião da língua’”. Sérgio lembra que Atílio sugeriu a publicação conjunta, gostou da ideia e evoluiu ao aproveitar produtos que se encontravam nas respectivas prateleiras. Ou gavetas. O tema sugerido por Atílio estava predefinido, “Rastros”. “No chão da sala dele, dispusemos os materiais e, em poucas horas, as duplas estavam formadas. Feliz sintonia.”